

NORDESTINIDADES: EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS DAS PLURALIDADES DO NORDESTE

Leonardo Felipe Rocha e Bruna Suruagy do Amaral Dantas

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Entendendo a região Nordeste do Brasil além de uma concepção exclusivamente territorial, como um conceito político-cultural que abrange um leque de possibilidades, esta pesquisa se dispôs a investigar a teia de pluralidades que constituem a memória social do Nordeste, materializadas, sobretudo, na cultura oral, a fim de compreender como o discurso da nordestinidade foi e vem sendo produzido. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com enfoque na investigação de experiências, narrações e memórias de nordestinos acerca do próprio Nordeste. Logo, foram entrevistadas nove pessoas, naturais da região, abrangendo territórios diversos. O instrumento metodológico escolhido para a realização do estudo foi a História Oral, voltada à apreensão de relatos que possibilitaram a compreensão das relações entre as experiências sociais individuais e coletivas. Assim, concluiu-se que o Nordeste brasileiro ultrapassa as delimitações geográficas e as simbologias culturais tradicionais, sendo uma região pautada por culturas plurais que se estabeleceram historicamente a partir de discursos e ações sociais criados sobre a região.

Palavras-chave: Nordeste, Memória e Narrativas

ABSTRACT

Understanding the Northeast region of Brazil beyond an exclusively territorial concept, but as a political-cultural concept that encompasses a range of possibilities; this research set out to investigate the web of pluralities that constitute the social memory of the Northeast, materialized, above all, from the oral culture, understanding how the discourse of northeastern was and is being produced. This is qualitative research focused on investigating the experiences, narrations and memories of Northeasterners about the Northeast itself. Therefore, nine people were interviewed, natives of the region, covering different territories. The methodological instrument chosen for the study was the Oral History, aimed at capturing reports that contributed to the understanding of the relationships between individual and collective social experiences. Regarding the data analysis methodology, Laurence Bardin's (1977) Content Analysis was adopted to be able to perform dynamic analyzes of the contents and build theoretical and empirical parallels from the results and bibliography explored. Thus, it was concluded that the Brazilian Northeast goes beyond geographical boundaries, being a region guided by cultural pluralities that were historically constituted from social reinforcements created on the region.

Keywords: Northeast, Memory, Narratives

INTRODUÇÃO

Segundo a perspectiva histórica de Albuquerque Jr. (2006), o Nordeste brasileiro se apresenta como um fenômeno social que vai além das delimitações geográficas, sendo uma região plural que tem sua origem baseada em uma invenção político-cultural. Desse modo, “o Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido” (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 307).

Decorrente de uma série de práticas discursivas, políticas públicas e reforços identitários, ainda são comuns associações reducionistas da região à pobreza e a uma estagnação histórica, que impossibilitaria avanços socioeconômicos. No entanto, apesar dos movimentos fundadores do Nordeste se basearem na busca da manutenção do tradicionalismo e no atraso tecnológico, o cenário atual apresenta novas organizações que fogem dos estereótipos socialmente construídos, fragmentando o imaginário social que ainda associa a região a um lugar atrasado e inferior, mesmo que seja possível a identificação, “com uma nova roupagem, das tradicionais estruturas sociais, políticas e econômicas” (NEPOMUCENO; PINHEIRO, 2010, p. 8). Os novos panoramas de desenvolvimento do país, apesar de conturbados, proporcionaram e ainda proporcionam, uma reestruturação do cenário econômico interno, pautada pelo espaço à modernidade e às novas formas de produção. Mesmo que, em contextos específicos, ainda podem-se observar estratégias políticas de resistência às iniciativas de inovações na região, o que faz com que muitos dos processos de modernização e aumento da geração de renda fiquem restritos a seletos polos regionais, concentrados especialmente no litoral (ARAÚJO, 2002).

A construção do Nordeste foi e vem sendo historicamente subordinada aos interesses de manutenção do status quo social pré-estabelecido de algumas camadas da elite brasileira, que contribuíram para a formação do discurso da nordestinidade a partir da delimitação das pluralidades culturais dos nove estados, vinculada a uma ideia falaciosa da região como local de homogeneização cultural e ambiente de atraso (SILVA, 2008). Assim, a delimitação oficial do Nordeste como uma região centro-cultural começa a ser datada nos registros oficiais a partir da grande seca de 1877-1879 (ALBUQUERQUE JR., 2006), o que faz com que um dos marcos originários da divisão entre o restante do país, seja a sua associação direta à ordem climática, especialmente na sub-região denominada “sertão nordestino”, pois eram nos sertões onde as configurações geográficas agravavam os períodos de estiagem, tornando a escassez de suprimentos e a falta de trabalho e renda habituais (DE SOUSA CAMURÇA et al., 2016).

A emergência da criação do conceito de Nordeste parte da diferenciação política, social e regional de um país que até então só era dividido oficialmente entre Norte e Sul e surge substancialmente a partir da elaboração de sua identidade pela “indústria da seca”. Deste modo, analisar a seca é reconhecer o seu caráter diverso, partindo de razões políticas que ultrapassam as questões climáticas e consequentemente tornam o fenômeno, que até então era sustentado pela lógica da natureza, em uma dimensão submetida às leis sociais e interesses políticos. Essa nova roupagem do funcionamento climático atribui à constituição do Nordeste, imagens que fixam e vinculam o imaginário da região a esse fenômeno, dado que por diversas razões, “reúne todos os elementos caracterizadores da identidade nordestina: ela apropriada e torna-se metáfora do nordestino, pois o discurso da seca aproxima homem e natureza” (MATOS, 2012, p.11).

Apropriado pelas esferas intelectuais do país, sobretudo das oligarquias, o discurso da seca começa a ser disseminado em um movimento de reforços culturais, especialmente entre os artistas e escritores regionalistas de 1930, que a partir das mais diversas manifestações, como a literatura, teatro, pintura e cinema, também foram responsáveis por fortalecer as construções imagéticas que reduzem muitas vezes o Nordeste à seca, fome, violência e êxodo, apesar de terem um teor de denúncia social que parte da descrição da realidade de grande parte dos territórios nordestinos na época (ALBUQUERQUE JR., 2007).

Romances como “O Quinze” (1930) da escritora cearense Rachel de Queiroz que tem como eixo central, a grande seca de 1915 que assolou a região e gerou um grande movimento migratório no Nordeste; “Vidas Secas” (1938) do escritor alagoano Graciliano Ramos que retrata o movimento do êxodo rural de uma família em detrimento das mazelas da seca; o poema “Morte e Vida Severina” (1955) de João de Cabral de Melo Neto e obras de Candido Portinari, como os quadros “Retirantes” (1944) e “Criança Morta” (1944) “ajudaram a construir ou inventar uma ideia e uma imagem de Nordeste, que fossem da terra seca, rachada, da caatinga, do clima inóspito, da natureza brutalizada e brutalizadora dos homens” (SILVA, 2019, p. 118). Logo o conceito de Nordeste começa a ser assimilado nas mais diversas produções e atinge diferentes classes sociais brasileiras. Músicas como “Asa Branca” (1947) de Luiz Gonzaga, que rapidamente tornou-se referência popular direta à imagem do Nordeste, também influenciaram e criam até hoje reforços identitários da região, tendo em vista que a representa a partir do apelo religioso e, especialmente pautada no discurso da seca e suas implicações nas vidas de quem compartilha essa realidade (CALLADO, 2013).

Entende-se, ainda, a influência das figuras do movimento do banditismo ou cangaço, como um ponto crucial na compulsória formação identitária da região, que por muito tempo se tornou uma referência direta às imagens dos povos e territórios nordestinos. A partir da visão do restante do país que, com suas estratégias midiáticas, atendiam muitas vezes aos

interesses políticos das elites, surgiram e foram reforçados os estereótipos do nordestino, a partir das representações de violência e truculência associadas aos cangaceiros, sendo inclusive alguns dos “raros momentos em que o Norte tinha espaço na imprensa do Sul” (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 61).

Além disso, torna-se crucial estabelecer um recorte de raça na discussão acerca do Cangaço e sua repercussão histórica na formação social do Nordeste e os constantes processos de exclusão e marginalização em relação ao restante do país. Muitos dos estudos interdisciplinares que se propuseram a estudar o movimento e suas grandes figuras, como Lampião e Maria Bonita, partiam de uma lógica ancorada no racismo científico e em um determinismo biológico, que tentava estabelecer pontos causais entre as personalidades dos cangaceiros e suas características biológicas, os ambientes e climas áridos dos sertões, e inclusive os próprios processos de miscigenação do povo brasileiro:

A raça foi um dos índices de avaliação. Os cangaceiros seriam produtos de heranças atávicas, ou seja, detinham características ancestrais. A miscigenação entre as diferentes raças teria levado a efeitos de degenerescência, um definhamento paulatino. O sertanejo, sofrendo os efeitos desse processo biológico, não poderia representar a base da nação. Os nordestinos, por extensão, seriam racialmente inferiores (CLEMENTE, 2013, p.118).

Outro fator fundamental na formação do Nordeste é a religiosidade, especialmente pela influência do catolicismo nos movimentos coloniais brasileiros, constituídos pelo fanatismo às figuras religiosas e a justificação dos fenômenos sociais, naturais e políticos sob a ótica divina (TEIXEIRA, 2005). Os elementos religiosos também são incorporados à “indústria da seca”, tendo em vista que a veiculação midiática do Nordeste ao restante do país vinculava a fé do nordestino aos eventos climáticos, como no filme “O Pagador de Promessas” (1962) de Anselmo Duarte e no videoclipe da canção “Segue o Seco” (1994) interpretada pela cantora carioca Marisa Monte, que tem como temática principal o sofrimento das populações sertanejas à espera da chuva enquanto rogam esperançosamente pela intercessão divina, reproduzindo a justificação da seca a partir de fundamentos religiosos.

A manutenção da cultura popular a partir da tradição oral é um dos traços característicos do povo brasileiro, mesmo que esteja atualmente reduzida em função das novas lógicas de comunicação. Dessa forma, é possível identificar que a oralidade se apresenta como um dos elementos constituintes na formação e manutenção da identidade e memória do Nordeste, em que os sujeitos narram e resguardam as vivências de suas rotinas em um material histórico e simbólico, repassado entre as diferentes gerações. Especialmente

na literatura de cordel, um dos eixos centrais da nordestinidade, que transforma os cotidianos e histórias que rondam o imaginário, em poemas rimados (PINTO, 2017). Assim, as narrativas dos nordestinos fazem parte do eixo fundamental da representação da região, carregando o potencial de ilustrar o cotidiano do Nordeste por meio da cultura oral:

Destaco, nesta inferência, as conexões entre oralidade e sobrevivência no Nordeste. A voz, os gestos, histórias, contos, novelas ganham sentido na linguagem oral, e é principalmente com ela que a vida vai sendo enfrentada (RIOS, 2014, p. 7).

Entende-se que apesar dos interesses políticos para o apagamento histórico da diversidade e a unificação das demandas sociais e naturais, o Nordeste parte da multiplicidade cultural presente nos regionalismos das sub-regiões de seus nove estados e que, destoam da concepção de um território unificado com valores e costumes homogeneizados. Portanto, entendendo a região além de uma concepção exclusivamente territorial, esta pesquisa investiga as teias de pluralidades que constituem a memória social do Nordeste.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para a formulação do embasamento teórico, este estudo resgata autores que se debruçam sobre o conceito de Narrativas e Memória, compreendendo a importância desses elementos na construção cultural da sociedade.

Abordando a obra do escritor Nikolai Leskov, Walter Benjamin (1963) disserta a respeito da extinção da arte de contar histórias, em que a dissolução da narração surge como um dos eixos centrais da obra. Uma vez que a cultura proveniente do capitalismo proporciona um movimento de redução extrema de narradores, a extinção contínua da tradição de compartilhar histórias a partir da oralidade torna-se de “um dos problemas que o desenvolvimento científico e tecnológico desligado da condição humana acarretou” (OURIQUE, 2009, p. 1). Descritas por Benjamin (1936), as próprias experiências da guerra, que tornaram os combatentes “mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 1963, p. 198), são tidas como um dos grandes resquícios sociais da perda da narração, e que afetam, até hoje, a produção das narrativas na sociedade moderna e colaboram para um processo contínuo de redução das experiências humanas.

Assim, os narradores são comumente divididos em duas categorias: aquele que é ou se iguala à figura dos viajantes que vivenciam diversas experiências e compartilham saberes

por onde andam, e o que reside desde sempre em seu local de origem, conhecendo e contribuindo para a manutenção das tradições culturais regionais. Remetendo-se à junção da obra de Leskov, o teórico aborda o caráter utilitário das narrações, já que boa parte dos conteúdos são carregadas de valores morais e utilitários, aproximando o narrador a uma espécie de figura conselheira. Dado que a narração se estabelece a partir da sabedoria, esta acaba sendo uma das causas para a sua cessação contínua, pois “A arte de narrar está definhando porque a sabedoria — o lado épico da verdade — está em extinção” (BENJAMIN, 1963, p. 201), especialmente em função do desenvolvimento de novas formas de produção, domínio dos recursos de linguagem e comunicação na modernidade que tornam as trocas de experiências cada vez mais rasas e impossibilitam um aprofundamento dos relatos.

As modificações na percepção da morte na sociedade moderna, regidas pelos movimentos de reestruturação do capitalismo, fizeram a sociedade, sobretudo ocidental, se distanciar da esfera que a dimensiona como um espetáculo cultural. Consequentemente, essas alterações corroboram com o processo de extinção da narração, tendo em vista que o morrer é gênese do surgimento das narrativas, já que os ensinamentos contidos na tradição oral precisam ser repassados entre gerações, antes do falecimento dos narradores que detêm os saberes e vivências. Preservando assim, a memória individual e coletiva presente nos relatos do narrador e fazendo com que a morte não seja algo que fomente o fim da memória, pois ela é, sobretudo, justificativa para a sua manutenção (BENJAMIN, 1963).

Há uma relação direta entre narrativa e experiência, pois os relatos de quem narra são construídos a partir do acervo de memórias concretas e simbólicas das próprias vivências, ou até mesmo, de experiências alheias incorporadas ao seu repertório pessoal e narradas com a mesma propriedade de quem as experienciou. Todo o ritual da narração apresenta-se como uma própria experiência em si, que se dispõe à construção e incorporação de novos conhecimentos que podem ser transmitidos a outros grupos e forma uma teia de representações sociais. Além da possibilidade de conhecer novos saberes, a experiência como ouvinte possibilita aos sujeitos o aprimoramento da arte de narrar histórias, tendo em vista que é a partir do envolvimento com os relatos que um ouvinte torna-se um bom narrador (BENJAMIN, 1963).

As narrações não requerem interpretações únicas e aprofundadas, pois a compreensão se constrói de acordo com quem ouve e se funde às possibilidades plurais de entendimento. Logo, se apresentam divergentes das informações, pois apesar de o mesmo fim útil de transmitir uma mensagem por meio da linguagem, ambas se diferenciam em constituição, pois a narrativa é carregada de valores culturais e vivências próprias, diferente da informação que não necessariamente relata uma experiência ou possui valor simbólico. Dentre as diversas consequências geradas pelos meios de produção da era moderna, o

desaparecimento da capacidade de ouvir atentamente e a redução das comunidades de bons ouvintes, fazem com que a produção das narrativas se encontre em crise, pois é a partir da audição das narrações em que os discursos são apropriados e incorporados à bagagem pessoal, possibilitando a sua conservação (BENJAMIN, 1963).

Para contribuir com a elucidação do tema, escolhemos o ensaio “A Substância Social da Memória” (2013) de Ecléa Bosi, uma vez que essa obra se apresenta importante para o desenvolvimento da pesquisa, pois além de levantar questões como memória, narrativas, cultura e sociedade, também serve como modelo referencial para a prática das coletas de dados com os sujeitos de pesquisa propostos. A autora constrói uma discussão acerca do sentido da história na sociedade moderna, em que enquadrada no caráter de disciplina escolar, se dedica à apresentação de um passado longínquo, retratando os grandes feitos heroicos e as constantes lutas pelo poder na cronologia da sociedade; o que a aproxima do lado épico, enquanto a afasta dos processos do cotidiano humano e ignora “os microcomportamentos, que são fundamentais para a Psicologia Social” (BOSI, 2013, p. 13).

Retomando as construções literárias durante os séculos, a crônica se apresenta como um gênero literário inferior aos comuns do período medieval, uma vez que a fonte dessas produções carregava a memória social da época. A partir da década de 1970, ocorre a valorização desse conhecimento, em função da reestruturação das teorias da História que resgatam a importância da memória social. Na relação entre história e poder, a construção da verdade nesse campo do conhecimento está preponderante à versão oficial dos fatos, que quase sempre é contada linearmente por meio da perspectiva puramente cronológica do lado representado como vencedor.

A “crônica do cotidiano” (BOSI, 2013, p. 15) é responsável por dar voz aos grupos historicamente excluídos, que por muitas vezes tiveram suas histórias apropriadas por uma camada dominante, que construiu os documentos oficiais a partir de uma versão única e muitas vezes contrárias aos fatos vividos e narrados pelos próprios agentes vivos da história.

A produção dos documentos oficiais, geralmente com tom formal e registrado por escrito, é um dos indícios da historiografia como ferramenta de exclusão, visto que apresenta materiais pobres de conteúdo do cotidiano da sociedade e, quase sempre, maquia a realidade em função da manutenção da verdade oficial. Durante a argumentação do ensaio, Ecléa sinaliza que apesar da autenticidade presente nos relatos orais, nem todos os narradores serão mais fiéis à realidade que as versões contadas pela historiografia, já que segundo a autora, as narrativas “muitas vezes são dominadas por um processo de estereotipia e se dobram à memória institucional” (BOSI, 2013, p. 17), reforçando assim, as relações de poder

através de discursos desviados, que fogem da interpretação pessoal e adotam a perspectiva institucional dos fatos.

Diante disso, os fatos memorizados pelos narradores não são resgatados e representados a partir de uma perspectiva pura, já que a bagagem cultural atribui representações ideológicas aos acontecimentos e é sobretudo, formada a partir de pontos de vista diferentes. Quando fundidas às ideologias, a memória coletiva e a memória individual se confundem, assim, transmitidas pela oralidade, as memórias também são retomadas por meio do próprio esquecimento, dado que atravessadas por ideologias, resgatam o passado a partir das perspectivas do presente (BOSI, 2013).

METODOLOGIA

Entendendo que a respeito dos procedimentos metodológicos cada abordagem teórica se apropriará de recursos específicos para sua cientificidade, este estudo constituiu-se a partir do método de pesquisa qualitativa. Tendo em vista que a Psicologia Social se caracteriza como área de conhecimento do campo das ciências sociais, conforme Minayo e Sanches (1993), um dos pontos cruciais neste campo é a relação subjetiva presente na abordagem qualitativa, em que a partir da proximidade entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa, as abordagens qualitativas proporcionam uma relação de intimidade que “se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas” (p. 244).

A amostra foi constituída por nove pessoas, abrangendo homens e mulheres a partir de 18 anos, alfabetizados e naturais de diferentes localidades da região Nordeste do Brasil, envolvendo tanto cidades do interior, quanto de regiões metropolitanas, para que assim, perspectivas plurais sobre o Nordeste pudessem ser exploradas. Posto isso, a amostra selecionada foi escolhida de forma aleatória e com base nos cenários favoráveis para o desenvolvimento da pesquisa.

O instrumento metodológico adotado para o estudo foi a História Oral que, segundo Meihy (2005), é destinada a apreender os relatos para a compreensão das relações entre as experiências sociais individuais e as coletivas, nesse caso representados pelas narrativas das memórias das vivências das nordestinidades. Considerando a liberdade de construção dos discursos por parte dos sujeitos, proporcionada pelo referido instrumento, pode-se afirmar em relação ao método que:

O grande desafio é o de transmitir a fala do outro com o mínimo de interferência possível, respeitando seus valores e suas vivências. Os conceitos e ideias levantados devem ser tratados com grande respeito e a maior responsabilidade é a

de interpretá-los de forma a não modificá-los, mas, sim, destacá-los com a sensibilidade de um ouvinte disposto a aprender com a experiência e conhecimento do outro (RIBEIRO; MACHADO, 2014, p.582).

A História Oral é um método constituído de três formas distintas, dependendo do conteúdo abordado e das intenções das entrevistas, conforme destacamos a seguir: 1) História Oral de Vida: constituída por um conjunto amplo de narrativas das experiências de vida dos sujeitos, abrangendo todas as fases do seu desenvolvimento; 2) Tradição Oral: atua especialmente na conservação dos mitos e cosmovisões das sociedades com fundamentos sócio-históricos preservados pelas tradições culturais; e 3) História Oral Temática: adotada por esse projeto, pois possibilita um cenário de apresentação das percepções dos narradores sobre vivências e acontecimentos, definidos de acordo com o problema de pesquisa (RIBEIRO; MACHADO, 2014).

Em relação ao roteiro de entrevista, foram propostas questões básicas norteadoras, de cunho opinativo e descritivo, acerca do cotidiano dos entrevistados, explorando o que os voluntários pensam sobre o que é o Nordeste e assimilando as imagens construídas a partir das suas memórias e experiências. O instrumento proposto, portanto, não segue a lógica tradicional de uma entrevista exploratória, em que a intenção do pesquisador é delimitar a produção dos discursos dos participantes conforme os objetivos do estudo.

Pretendeu-se, nessa pesquisa, favorecer a espontaneidade na construção das narrativas e na abordagem de temas abrangentes como religiosidade, seca, influência do movimento do cangaço, tradições culturais, desenvolvimento tecnológico no Nordeste e a relação político-cultural dos participantes com a região, com o intuito de investigar se as percepções dos colaboradores eram convergentes ou divergentes da representação tradicional do Nordeste.

Em função da distância territorial entre pesquisadores e participantes da pesquisa e da necessidade de atender às medidas sanitárias de distanciamento social em razão da pandemia de COVID-19 no país, as entrevistas foram realizadas de maneira remota via plataforma de videoconferência on-line, adaptando-se às condições técnicas dos participantes, o que garantiu o cenário mais seguro para proteger a privacidade dos dados fornecidos.

A interpretação dos discursos coletados foi feita pela Análise de Conteúdo, metodologia desenvolvida por Laurence Bardin (1977), que se caracteriza pela junção de técnicas para analisar conteúdos que surgem da vastidão das comunicações. A escolha dessa perspectiva seu deu pelo objetivo de proporcionar análises dinâmicas dos conteúdos

transcritos para obter indicadores que permitiram fazer inferências e construir paralelos teóricos e empíricos a partir dos resultados e da bibliografia explorada.

Esse método se divide fundamentalmente em três fases: a pré-análise, que se caracteriza pela organização sistêmica do conteúdo. Neste caso, incluem-se os documentos provenientes da aplicação da História Oral, tendo como objetivo principal a organização e a categorização dos dados, para que seja possível elucidar as hipóteses definidas a priori, as quais serão seguidas da delimitação de indicadores que sustentem as fundamentações finais (BARDIN, 1977).

A segunda etapa, exploração do material, é concebida por Bardin (1977) como uma parte do processo que “não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 1977 p.101). Essa etapa é colocada em prática quando os procedimentos realizados na pré-análise são devidamente concluídos, pois é realizada com base nos critérios delimitados nesta etapa. Desse modo, a exploração do material consiste em atividades que se dispõem a categorizar, codificar ou enumerar os dados de acordo com a organização que irá favorecer a elucidação da pesquisa.

A terceira e última fase é o tratamento dos resultados, destinado a converter os conteúdos que ainda estão em formatos brutos, em formas que possam ilustrar e agregar aos resultados encontrados junto às análises para que ocorra a mediação teórica, os transformando em resultados dinâmicos fundamentados pelas teorias adotados pelos pesquisadores (BARDIN, 1977).

RESULTADO E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas devidamente transcritas indicou que as experiências e impressões dos nordestinos entrevistados acerca do próprio Nordeste, apesar de possuírem elementos comuns, apresentam significados diversos, que se moldam em função de intersecções sociais, culturais, materiais e subjetivas, ligadas diretamente à formação social, à divisão geopolítica, à própria modernização e avanço das tecnologias em todo o país.

Nesse sentido, pode-se identificar as narrativas como material principal dessa pesquisa que, embora tenham sido produzidas no espaço virtual, elucidaram o campo da memória e potencializaram a discussão sobre os conjuntos de elementos culturais do Nordeste. As narrações plurais foram desenhadas pelas formas de expressão carregadas de regionalismos e pelos diversos modos de se apresentar como nordestino falando do próprio Nordeste. Assim, ouvir atentamente também implica renunciar a si no processo de escuta, pois “quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (BENJAMIN, 1963, p. 205). Segundo o autor supracitado, a narrativa estende-

se para além do ato de falar, pois o contador de histórias manifesta, a partir do relato, características subjetivas e marcas corporais que enriquecem o eixo central da história com olhares, entonações, gestos e até mesmo o uso de objetos disponíveis no ambiente para a ilustração dos episódios narrados, enunciando um processo artesanal de construção da experiência do ouvinte e, no caso da presente pesquisa, desenhando vivências características do Nordeste.

O teor das entrevistas realizadas nesse estudo abriu espaço para o entendimento de um Nordeste que liquida um padrão social que o categoriza a partir da homogeneização, seja ela cultural ou de outros aspectos entre as micro e macrorregiões de seu território: *“Eu acho que todas as pessoas deveriam conhecer o Nordeste e suas culturas porque é um lugar muito rico e quase nem se parece com o jeito que retratam ele fora”* (Entrevistada 7 - Bahia).

Além disso, torna-se importante ressaltar que as experiências entre os litorais, sertões e interiores nordestinos se diferem no que diz respeito às organizações políticas e às tradições culturais e que, apesar dos avanços, ainda restringem quase sempre o cenário de maior desenvolvimento socioeconômico às regiões mais voltadas ao litoral. Essas divisões se apresentam como fatores decisivos no apelo às tradições em algumas regiões e em outras na diluição dos elementos culturais tradicionais, pois se incorporam ao avanço digital e à globalização, fazendo com que as regiões metropolitanas estejam cada vez mais dedicadas a proporcionar práticas de consumo, semelhantes ao sudeste do país, por exemplo.

E eu estava pensando também sobre essa questão de pessoas LGBT, e eu falo sempre como um homem gay, cis, mas eu acho que tem um pouco de uma desassociação das pessoas com algumas dessas coisas, e dependendo da região também, por causa dessa coisa de cabra macho, de Lampião, de Luiz Gonzaga serem figuras conservadoras, e eu acho que aqui na capital tem um certo afastamento que eu vejo. Eu não vejo as pessoas do meu círculo social aqui na capital terem uma identificação muito forte com isso (Entrevistado 5 - Pernambuco)

Essas diferenciações foram observadas nos discursos captados nessa pesquisa, influenciando as mudanças de comportamento e apresentando uma população cada vez mais aberta às discussões identitárias e ao rompimento com velhos padrões de expressão de gênero e sexualidade, por exemplo. No entanto, pode-se perceber que apesar dos numerosos avanços reconhecidos pelos participantes do estudo, alguns discursos ainda carregam impressões de uma região que potencializa as injustiças sociais e ainda é influenciada por lógicas conservadoras: *“É um lugar assim como o Brasil todo, muito marcado por indústria social, eu acho que se você olha pro Nordeste comparado ao Sudeste, eu diria assim, que é o lugar que tem mais injustiça social do que o Sudeste”* (Entrevistado 4 - Piauí).

As riquezas culturais do Nordeste parecem substancialmente compartilhar alguns apelos culturais, destacam-se aqui, sobretudo, os festejos de São João, que no Brasil são reinvenções das festividades portuguesas que “tinham um caráter familiar e/ou eventualmente comunitário e eram envoltas de uma atmosfera ritualística permeada por aspectos religiosos e míticos” (CASTRO, 2012).

Sendo assim, o São João ultrapassa a ordem religiosa e se apresenta como fenômeno democrático que movimenta aspectos socioeconômicos e contribui com a formação das identidades culturais e subjetivas do Nordeste, se adaptando aos regionalismos. Costumam-se compreender as festividades, quase sempre, a partir das referências às imagens tradicionais, especialmente do inverno acentuado e dos elementos culturais como as fogueiras e a culinária típica acompanhada do milho como base alimentar, ainda mais em uma temporada em que a agricultura familiar das regiões nordestinas se voltam às colheitas de safras de grãos. Posto isso, muitos dos relatos dos nordestinos entrevistados foram atravessados pelas memórias e vivências que ilustram o “Nordeste do São João”, demonstrando uma espécie de nostalgia e valorização das expressões culturais típicas do mês de junho. O saudosismo a essas figuras regionais caracteriza um dos principais eixos da memória social e afetiva desses grupos:

Eu acho que as imagens do São João são coisas que despertam o melhor de mim, na verdade, sabe aquelas decorações? Aquelas comidas típicas, ver a minha avó fazendo, acho que tudo isso são memórias afetivas. Então, geralmente quando se fala em Nordeste, acho que vem muito disso mesmo: minha família, minha vó fazendo comida típica, os fogos de São João, etc. (Entrevistada 6 - Paraíba).

Outro fator crucial está no reconhecimento das representações do Nordeste a partir dos fenômenos de estereotipação, que associam, quase sempre, a região nordestina a elementos negativos como “terra da seca”, atraso cultural e tecnológico e cultura do cangaço, o que reforça as narrativas heroicas de superação construídas pela maioria dos nordestinos entrevistados, valorizando suas experiências de sofrimento e conquista, quando comparadas ao restante do país:

Geralmente, quando eu falava lá [em São Paulo], na primeira vez que fui, as pessoas estranhavam minha maneira de falar, porque apesar de eu ter o sotaque completamente nordestino, da primeira vez que fui as palavras eram muito falado [sic]. Eu falo assim, mas não corretamente, mas é porque o jeito, a maneira que falo, difere de algumas pessoas [nordestinas], porque eu falo meio que sem os dizeres que têm aqui [no Nordeste], sabe? Alguns dizeres de todo o pessoal daqui [do Nordeste], como às vezes minha prima, minha mãe, minha vó fala [sic]. Então, assim, quando eu falava, as pessoas

estranhavam e falavam: “Nossa, você nem parece que veio do Nordeste, fala tão direitinho”... meio desagradáveis, difícil.” (Entrevistada 8 - Maranhão).

Mesmo após os processos de modernização do Nordeste, ainda ocorrem casos de violências de cunho xenofóbico, que embora apresentem uma nova roupagem, giram “em torno das imagens e conceitos pejorativos criados sobre o Nordeste e afetam diretamente os sujeitos” (NEPOMUCENO; PINHEIRO, 2010, p. 08). Após os resultados das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, ocorreu uma forte retomada de casos de violência contra nordestinos na internet, que foi “invasa por comentários como ‘Nordestino não é gente’, ‘Se o nordestino tivesse a cabeça redonda pensaria melhor’ e ‘Vamos separar o Nordeste do resto do Brasil’ (MESQUITA, 2018, p. 01). Assim, é notória a necessidade de desconstrução de visões pejorativas, criadas socialmente sobre o Nordeste, o que também ratifica a definição da temática aqui tratada, visto que esta pesquisa, a partir do discurso dos próprios nordestinos, apresenta à sociedade perspectivas da região, pautadas na multiplicidade cultural e na liquidação de conceitos generalizadores e homogeneizantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema decorreu da necessidade de se expandir as formas de investigação e preservação das narrativas e memórias do Nordeste, uma vez que, segundo Benjamin (1932), os movimentos de modernização tornam a sociedade cada vez mais carente da figura dos narradores e, especialmente, do compartilhamento das experiências, sinalizando a importância de explorar o rico repertório cultural apresentado pela região. A partir dessa pesquisa, entendeu-se que o Nordeste se apresenta na realidade como “Nordestes”, uma vez que as primeiras divisões geográficas e socioeconômicas do país, datadas ainda dos movimentos coloniais, não foram suficientes para gerar sua homogeneização, tendo em vista que o Nordeste potencializa o multiculturalismo e se molda a partir de inúmeros fatores: clima, organização política, acesso à educação, preservação da memória social e, sobretudo, a partir da incorporação dos diversos elementos da miscigenação brasileira.

As relações de expressões de gênero e sexualidade associadas diretamente à influência histórica dos cangaceiros e vaqueiros, figuras substanciais na historiografia nordestina, por exemplo, são fenômenos relevantes que precisam ser ainda mais propriamente investigados pela academia, considerando-se a abertura crescente dos meios de comunicação às pautas identitárias de modo geral e às demandas específicas das comunidades LGBTQIA+ no país. Assim, cabe reforçar a ligação direta, aqui já supracitada, entre os recortes raciais e desigualdades sociais que fundaram o Brasil e a divisão específica dos nove estados que formam o que hoje conhecemos como “Nordeste”.

Utilizando-se como base teórica o conceito de memória e sua capacidade de tecer teias sociais amplas, compreendeu-se a relação entre os discursos das nordestinidades e a memória social. O Nordeste esteve, de modo geral, presente nas falas dos nordestinos entrevistados a partir da afetividade, das referências às imagens tradicionais da região e, sobretudo, dos elementos culturais, como as festividades de São João no mês de junho. Além disso, verificou-se nos relatos uma tendência de apresentação de elementos regionais que em alguns momentos assumiram também o teor de denúncia social acerca das limitações ainda presentes na região, que acompanham o fluxo do desenvolvimento nacional.

Assim, a despeito da invenção originária do Nordeste se caracterizar pela delimitação bem desenhada de geografias locais integradas, formando a imagem de “única região”, verificou-se que, na prática, a partir da História Oral, os nordestinos participantes dessa pesquisa, o compreendem pelas suas multiplicidades, compartilhando experiências dinâmicas que ultrapassam a imagem unificada. Experiências que homogeneizaram os territórios, como “a seca”, “o fanatismo religioso” e tantas outras, aqui foram liquidadas por outras expressões que se desassocia das imagens do atraso e se ligam às representações de um Nordeste Futurista. Como ilustrado pela cantora potiguar Juliana Linhares em seu álbum “Nordeste Ficção” (2021) e na canção homônima, conclui-se então que: “Nordeste, invenção política. Nordeste, emoção artística. Nordeste, ficção científica” (LINHARES, 2021).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste e outras artes**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ARAÚJO, Tânia Bacelar. **Nordeste, Nordestes: Que Nordeste?** Recife: Observanordeste, Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOSI, Ecléa. A substância social da memória. In: **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013, p. 13-48.

BRASILEIRO, Osmando J.; SILVEIRA, Regina da Costa da; LITERÁRIA, Comissão Editorial Nau. **LITERATURA E ORALIDADE NO CORDEL: identidade e memória cultural nordestina**.

Nau Literária, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 1-11, 1 dez. 2013. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1981-4526.43381>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/43381>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CALLADO, A. G. **O hino do sertão: a identidade nordestina em “Asa Branca”**. 2013. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2013. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/2299>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

CASTRO, JRB. As manifestações culturais no contexto das festas juninas espetacularizadas da cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 113-126. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books.

CLEMENTE, M. E. D. A. TERRA IGNOTA: cangaço e representações dos sertões do Nordeste brasileiro na primeira metade do século XX. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, [S. l.], v. 10, n. 15, 2013. DOI: 10.18817/ot.v10i15.257. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/257. Acesso em: 20 nov. 2021.

CORREA, Mariele Rodrigues; JUSTO, José Sterza. Oficinas de Psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 249-256, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072010000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 2 abr. 2021.

DE SOUSA CAMURÇA, Carla Evelline et al. Implicações psicossociais da seca na vida de moradores de um município da zona rural do nordeste do Brasil. **Av. Psicol. Latinoam.**, Bogotá, v. 34, n. 1, p. 117-128, jan. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242016000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jan. 2021. <https://doi.org/10.12804/apl34.1.2016.08>.

MATOS, Marcos Paulo Santa R. Famílias desagregadas sobre a terra ressequida: indústria da seca e deslocamentos familiares no Nordeste do Brasil. Nômadias. **Revista Crítica de Ciências Sociais y Jurídicas** | Nº. Especial: América Latina (2012). Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/181/18126163007.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MEIHY, J. C. S. B. (2005). **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola.

MESQUITA, L. **Denúncias de discurso de ódio online dispararam no 2º turno das eleições, diz ONG**. BBC, Londres, 9 nov. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46146756>. Acesso em: 12 abr. 2021.

LINHARES, Juliana. **Nordeste Ficção.** Disponível em <https://open.spotify.com/album/5k5zBgDqt68LfLrQ4OWIf2?autoplay=true>

MONTE, Marisa. **Segue o Seco.** Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=l4WLDn_5k0. Acesso em: 9 abr. 2021.

NEPOMUCENO, L. B.; ARARIPE PINHEIRO, ÂNGELA DE A. Elementos psicossociais para compreender o Nordeste. **Revista de Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 85-105, 1 jun. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/50>. Acesso em: 9 abr. 2021.

OURIQUE, João Luis Pereira. O "contar histórias" da formação: o narrador na perspectiva de Walter Benjamin. **Cadernos Benjaminianos**, [S.l.], n. 1, p. 111-122, dez. 2019. ISSN 2179-8478. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/5305>. Acesso em: 15 abr. 2021.

RIBEIRO, Mara Cristina; MACHADO, Ana Lúcia. O uso do método história oral nas pesquisas qualitativas: contribuições para a temática do cuidado em saúde mental. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 578-591, ago. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 25 abr. 2021.

RIOS, Kênia Sousa. **Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará.** E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 317 p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10325>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SILVA, R. A. DA. O sertão e as mulheres n'O Quinze de Rachel de Queiroz. **Revista História & Perspectivas**, v. 31, n. 59, p. 114-127, 24 jun. 2019. Disponível em: <https://www.periodicosdeminas.ufmg.br/periodicos/historia-perspectivas/>. Acesso em

TEIXEIRA, F. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista USP**, [S. l.], n. 67, p. 14-23, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i67p14-23. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13452>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Contatos: leonardofelipe822@gmail.com; bruna.dantas@mackenzie.br
